



CONTEXTO JUDAICO DO SÉCULO I

O mundo em que Jesus nasceu, viveu e anunciou o Reino de Deus

INTRODUÇÃO

Para compreender adequadamente o Novo Testamento e a pessoa de Jesus Cristo, é necessário conhecer o contexto histórico, religioso, político e cultural no qual Ele viveu. Jesus nasceu, cresceu e exerceu seu ministério dentro do povo de Israel, em uma sociedade profundamente marcada pela fé bíblica, pelas tradições judaicas e pela expectativa da vinda do Messias.

Os Evangelhos não surgem em um vazio histórico. Eles refletem a realidade do judaísmo do século I e pressupõem muitos elementos que eram familiares aos seus primeiros ouvintes. Conhecer esse contexto permite compreender melhor as palavras de Jesus, suas ações e os acontecimentos narrados pelos evangelistas.

1. A PALESTINA NO TEMPO DE JESUS

No século I, a Palestina encontrava-se sob o domínio do Império Romano. Desde o ano 63 a.C., quando Pompeu conquistou Jerusalém, os judeus passaram a viver sob influência política romana. Apesar disso, conservaram sua identidade religiosa, suas tradições e a esperança de que Deus continuaria guiando a história do seu povo.

Durante o nascimento de Jesus governava o imperador Augusto (27 a.C.–14 d.C.), enquanto Herodes, o Grande, exercia o poder local na Judeia (Mt 2,1). Após sua morte, o território foi dividido entre seus filhos, situação que explica diversos acontecimentos narrados nos Evangelhos.

1.1. As regiões da Palestina

A Palestina estava organizada em três grandes regiões. A *Galileia* situava-se ao norte e era uma região fértil e populosa. Nela localizavam-se Nazaré, Cafarnaum, Caná e o Lago da Galileia. Foi nessa região que Jesus passou a maior parte de sua vida pública. A *Samaria* ocupava a região central. Seus habitantes descendiam da mistura entre israelitas e povos estrangeiros introduzidos após a conquista assíria. Por isso, existia uma forte tensão entre judeus e samaritanos (Jo 4,9). A *Judeia* situava-se ao sul e tinha Jerusalém como sua principal cidade. Ali encontrava-se o Templo, centro religioso de todo o judaísmo.

1.2. As línguas faladas

A população utilizava diferentes idiomas. O aramaico era a língua falada no cotidiano por grande parte da população. O hebraico permanecia como língua religiosa e litúrgica, especialmente utilizada nas Escrituras e nas celebrações do Templo e das sinagogas. O grego era amplamente empregado no comércio e nas relações culturais, sendo a língua mais difundida no Oriente Romano. O latim era utilizado principalmente pelas autoridades romanas e em assuntos administrativos.

1.3. Os Judeus da Diáspora

Nem todos os judeus viviam na Palestina. Desde os exílios assírio e babilônico, numerosas comunidades judaicas encontravam-se espalhadas pelo Império Romano e por outras regiões do Mediterrâneo. Essas comunidades, chamadas de Diáspora, conservavam a fé de Israel, frequentavam as sinagogas e realizavam peregrinações a Jerusalém quando possível (At 2,5-11).

Nesse contexto geográfico, político e cultural desenvolveu-se toda a vida pública de Jesus. Os Evangelhos mostram que sua missão percorreu diversas cidades e regiões da Palestina, alcançando judeus, samaritanos e também populações pagãs.

2. O MINISTÉRIO DE JESUS NA PALESTINA

O ministério público de Jesus desenvolveu-se dentro do território da Palestina do século I, especialmente nas regiões da Galileia, da Samaria e da Judeia. O conhecimento desses lugares ajuda a compreender melhor os Evangelhos, pois muitos ensinamentos, milagres e encontros narrados pelos evangelistas estão profundamente ligados ao contexto geográfico e humano em que ocorreram.

2.1. *Jesus na Galileia*

A maior parte da atividade de Jesus concentrou-se na Galileia. Foi nessa região que Ele cresceu, iniciou sua pregação e reuniu os primeiros discípulos. Nazaré, sua cidade de origem, é mencionada diversas vezes nos Evangelhos e foi ali que Jesus participou da vida cotidiana de uma família judaica, trabalhando e crescendo "em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens" (Lc 2,52). Já no início de sua vida pública, deixou Nazaré e estabeleceu-se em Cafarnaum (Mt 4,13), cidade situada às margens do Lago da Galileia. Cafarnaum tornou-se o principal centro de seu ministério, a ponto de ser frequentemente chamada de sua "cidade" (Mt 9,1).

Ao redor do lago localizavam-se outras cidades importantes para a atividade missionária de Jesus, como Betsaida, cidade de Pedro, André e Filipe (Jo 1,44), Magdala, associada a Maria Madalena (Lc 8,2), e Caná da Galileia, onde realizou seu primeiro sinal ao transformar água em vinho durante uma festa de casamento (Jo 2,1-11). Em Naim ressuscitou o filho de uma viúva (Lc 7,11-17), enquanto Corazim foi uma das cidades que ouviram sua pregação, mas não corresponderam plenamente ao chamado à conversão (Mt 11,21).

2.2. *Jesus na Samaria*

Embora a Galileia tenha sido o principal cenário de sua missão, Jesus também atravessou a Samaria. Os judeus geralmente evitavam essa região devido às antigas rivalidades religiosas e culturais. Jesus, porém, rompeu essas barreiras. O encontro com a mulher samaritana junto ao poço de Jacó, na cidade de Sicar, tornou-se um dos episódios mais significativos do Evangelho de João (Jo 4,5-42), manifestando que a salvação oferecida por Deus destinava-se a todos os povos.

2.3. Jesus na Judeia

A Judeia, por sua vez, ocupou lugar decisivo nos momentos finais da vida de Jesus. Jerusalém era o centro religioso do judaísmo e o local onde se encontrava o Templo. Diversas vezes Jesus peregrinou até a Cidade Santa para participar das grandes festas religiosas (Jo 2,13; 7,10). Foi em Jerusalém que ensinou no Templo, celebrou a Última Ceia, sofreu sua paixão, morreu na cruz e ressuscitou dos mortos.

Próximas de Jerusalém encontravam-se outras localidades importantes. Em Betânia viviam Marta, Maria e Lázaro, amigos de Jesus (Jo 11,1-44). Em Jericó encontrou Zaqueu e trouxe salvação à sua casa (Lc 19,1-10). Em Betfagé iniciou sua entrada messiânica em Jerusalém poucos dias antes da Paixão (Mt 21,1-11).

2.4. Regiões pagãs

Os Evangelhos também registram algumas viagens a regiões predominantemente pagãs, como Tiro e Sidônia (Mt 15,21-28), a Decápole (Mc 7,31-37) e o território dos gerasenos (Mc 5,1-20). Esses deslocamentos mostram que a missão de Jesus ultrapassava os limites geográficos de Israel e antecipava a futura evangelização de todas as nações.

3. ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

A presença romana influenciava profundamente a vida do povo judeu. Embora permitisse certa autonomia religiosa, Roma controlava os impostos, mantinha tropas militares e interferia na administração local. Essa situação gerava frequentes tensões e alimentava o desejo de libertação nacional.

Os Evangelhos mencionam frequentemente cobradores de impostos, soldados romanos e autoridades políticas, mostrando como a ocupação fazia parte da vida cotidiana (Mt 22,15-22; Lc 3,12-14).

4. PRINCIPAIS GRUPOS RELIGIOSOS

O judaísmo do século I não era uniforme. Diversos grupos coexistiam dentro do povo de Israel, cada um interpretando de maneira diferente a Lei e a esperança messiânica.

4.1. Os Fariseus

Os fariseus eram o grupo mais influente junto ao povo. Dedicavam-se ao estudo da Lei e das tradições dos antepassados. Procuravam aplicar os mandamentos a todos os aspectos da vida cotidiana. Acreditavam na ressurreição dos mortos, na existência dos anjos e na ação providente de Deus na história (At 23,8). Embora Jesus tenha criticado alguns comportamentos farisaicos, também compartilhou com eles importantes elementos doutrinários.

4.2. Os Saduceus

Os saduceus pertenciam principalmente à aristocracia sacerdotal ligada ao Templo de Jerusalém. Aceitavam apenas a autoridade do Pentateuco e rejeitavam crenças como a ressurreição dos mortos e a existência dos anjos (At 23,8). Por ocuparem posições de destaque no Templo, exerciam grande influência política e religiosa.

4.3. Os Escribas

Os escribas eram especialistas na interpretação das Escrituras. Atuavam como mestres da Lei e exerciam importante papel na formação religiosa do povo. Muitos deles pertenciam ao grupo dos fariseus, embora as duas categorias não fossem idênticas.

4.4. Os Essênios

Os essênios viviam em comunidades separadas, dedicadas à oração, ao estudo das Escrituras e à observância rigorosa da Lei. Muitos estudiosos relacionam esse grupo à comunidade de Qumran, responsável pelos famosos Manuscritos do Mar Morto.

4.5. Os Zelotas

Os zelotas defendiam a resistência armada contra o domínio romano. Alimentavam a esperança de uma libertação política de Israel e consideravam ilegítima a presença estrangeira na Terra Santa. Entre os discípulos de Jesus encontrava-se Simão, chamado Zelota (Lc 6,15).

5. O TEMPLO DE JERUSALÉM E AS SINAGOGAS

O Templo era o centro da vida religiosa judaica. Reconstruído após o exílio babilônico e ampliado por Herodes, era considerado a morada de Deus no meio do seu povo. Ali eram oferecidos os sacrifícios diários e celebradas as grandes festas religiosas. Todos os judeus procuravam peregrinar ao Templo em ocasiões importantes, especialmente durante a Páscoa (Lc 2,41-42). A importância do Templo ajuda a compreender diversos episódios da vida de Jesus, como sua apresentação quando criança (Lc 2,22-38), a expulsão dos vendedores (Mt 21,12-13) e seus debates com as autoridades religiosas.

Ao lado do Templo existiam as sinagogas, presentes em praticamente todas as cidades. Nelas realizavam-se a leitura das Escrituras, a oração comunitária e o ensino religioso. Diferentemente do Templo, as sinagogas não eram lugares de sacrifício. Jesus frequentava regularmente as sinagogas e nelas ensinava durante seu ministério (Lc 4,16-21).

O Sinédrio era o principal conselho religioso judaico. Composto por sacerdotes, anciãos e escribas, exercia funções religiosas, jurídicas e administrativas. Era presidido pelo Sumo Sacerdote e desempenhou papel importante nos acontecimentos que levaram ao julgamento de Jesus (Mt 26,57-68; Jo 11,47-53).

6. A VIDA RELIGIOSA DO POVO JUDEU

A vida cotidiana era profundamente marcada pela religião. O sábado ocupava lugar central na espiritualidade judaica, recordando a criação e a libertação do Egito (Ex 20,8-11). As grandes festas religiosas, como a Páscoa, Pentecostes e Festa das Tendas, reuniam multidões em Jerusalém. A oração diária, o jejum, as peregrinações e as normas de pureza ritual faziam parte da experiência religiosa comum. Toda a existência era compreendida à luz da Aliança estabelecida entre Deus e seu povo.

Durante séculos, Israel alimentou a esperança da vinda do Messias prometido pelos profetas. Essa expectativa tornou-se ainda mais intensa durante o domínio romano. Muitos aguardavam um

descendente de Davi que restauraria a liberdade de Israel e instauraria definitivamente o Reino de Deus (Is 9,1-6; Jr 23,5-6). Outros esperavam um novo Moisés (Dt 18,15), um grande sacerdote ou mesmo uma intervenção direta de Deus na história.

Os Evangelhos apresentam Jesus como o verdadeiro Messias, mas de uma maneira surpreendente. Em vez de conquistar pela força das armas, Ele inaugura o Reino de Deus por meio da humildade, do serviço, da cruz e da ressurreição.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O contexto judaico do século I constitui o ambiente histórico, religioso e cultural no qual se desenvolveu a vida de Jesus e nasceu a Igreja. O conhecimento dessa realidade permite compreender melhor a linguagem dos Evangelhos, os debates travados por Jesus, as instituições religiosas de seu tempo e as expectativas presentes entre seus contemporâneos.

O percurso realizado por Jesus ao longo da Galileia, da Samaria, da Judeia e das regiões pagãs revela que sua missão se desenvolveu em contato direto com as pessoas e suas realidades concretas. Aldeias, cidades, sinagogas, estradas, montanhas e margens de lago tornaram-se lugares privilegiados do anúncio do Reino de Deus. A geografia da Palestina não constitui apenas um cenário para os Evangelhos; ela faz parte da própria história da salvação e ajuda a compreender como o Filho de Deus entrou concretamente na história humana para anunciar a Boa-Nova e realizar a redenção da humanidade.

Jesus não surge à margem da história de Israel. Ele nasce no coração do povo da Aliança e apresenta-se como o cumprimento das promessas feitas por Deus aos patriarcas, aos profetas e a todo o povo eleito. Por isso, compreender o judaísmo do século I é um passo indispensável para compreender adequadamente o Novo Testamento e a pessoa de Jesus Cristo.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi